

letras de hoje

ESTE NÚMERO

Elvo Clemente

Plínio Cabral

Dionísio F. Alvarez

Augustinus Staub

Leonor S. Cabral

Bergio Ribeiro Rosa

João Batista Camilotto

N.º I

Porto Alegre

Outubro - 1967



ÍNDICE

O Romance nos Séculos XVI e XVII	1
Cervantes e a novela Picaresca	8
A lingüística e a formação de Professôres	19
Floribela Espanca, a deserdata	31
A Crise do livro no Brasil (Comentário)	46
Permanência de Dario	48
Cinco temas do desespero	56
Campanas (poesia)	61
Canto sétimo (poesia)	62
Enumerativo (poesia)	63
O Passo (poesia)	64
Danações contra a usura	65
Livros & autores & editores	66
Sinésio de Cirene	68

Capa: Fragmento das ruínas de São Miguel — gravura de Leo Dexheimer — Pôrto Alegre.

CENTRO DE PESQUISA
Linguística e Letras
PUC-RGS

R.º
116 1977

O ROMANCE NOS SÉCULOS

XVI E XVII

Irmão Elvo Clemente

A Literatura de ficção sempre foi do agrado do homem, desde as eras imemoriais. Conta uma lenda hebraica a origem da parábola ou da fábula. Os homens, naqueles tempos, ao verem a Verdade sem roupas e sem adornos, passar no meio deles, voltavam-lhe as costas, de medo e de vergonha. Uma tarde a Verdade encontrou a Parábola, que passeava alegremente, aquela queixou-se de sua desdita, esta respondeu: "Os homens não gostam de encarar a Verdade nua, eles a preferem disfarçada". (Realidade, Ano I n.º 6 pág. 43).

O relato nos coloca diante da realidade humana — o homem quer a verdade através dos símbolos, através dos sinais, das lendas, das novelas, do romance. Assim surge a literatura de ficção no Oriente e se projeta para o Ocidente. Da Índia vai à Pérsia e desta para a Grécia. As grandes narrativas em versos épicos decantando guerras, heróis, jogos, façanhas diversas, paixões e virtudes enchem as páginas dos Vedas, do Ramaiana, da Iliada e da Odisséia. Os aedos perambulavam pelas estradas e cidades divulgando a literatura popular de heróis, façanhas e aventuras. Em Roma continua a literatura épica narrando as glórias dos deuses e dos construtores de cidades e dos plantadores de povos.

Com o advento do Cristianismo há uma nova integração de culturas no caldeamento religioso do Oriente com o Ocidente. Novas lendas surgem e se formam no subsolo da evangelização dos povos ainda nos dias de Roma e Bizâncio. Depois a Idade Média, luta e trabalho de miscigenação de temas e ficções de eslavos e germanos, de sírios e berberes, de godos e de hispânicos. Tantos contratemplos da história dos impérios que submergiam, com os novos países que se alevantavam, nas esperanças de novos donos das pátrias. As lendas já estavam, no bêrço das nacionalidades, ao germinar dos novos impulsos da cultura. Passado e presente consorciavam-se nos casos lendários,

nas "chansons des gestes", nos niebelungues, nas fábulas da Provença e nos cantares da Galiza. Tudo vai gerando a novela de cavalaria, com os ciclos dos comensais do Rei Artur na Távola Redonda, ou nas façanhas dos Amadis, ou na busca do Santo Graal. Páginas gloriosas, narradoras da fábula humana, sombra do desejo de poder, de domínio; ou complacência de ternura e amor ao tilintar do aço dos alfanjes e das espadas sobre os elmos e panópias. O mundo medieval conta a sua história na penumbra das idades, sob o candieiro da fé e nas tochas do heroísmo nas grandes conquistas da Terra Santa, contra o Mulmano invasor.

Os séculos XIV e XV refletem o grande tema da Divina Comédia, em versos imorredouros que soaram para todo o sempre aos ouvidos do homem que crê, que espera e que ama. Ao lado da exaltação teológico-religiosa da comédia, surge o Decamerone de Boccaccio. É o lado picaresco da existência, é o homem que tem fé e que procura dar freio aos seus instintos, às vênas do vício. Grandeza do poema e estilo delicioso da fábula, do caso erótico na "lingua volgare" dos escritores de Florença. Antagônicos e paradoxais Dante e Boccaccio vivem e cantam o amor — A Beatrice na sua pureza etérea e a mulher do gozo sensual e perecível. São os pólos da humana vida, são os pólos da ficção e da comédia de cada dia. O século XVI abre suas páginas ao som grandioso das epopéias: Gerasaleme Liberata, A Araucana e Os Lusíadas. Três relatos fantásticos, grandiloquentes, síntese dos anseios do homem que nessa era gâmica, como nos falava estes dias o Dr. Adriano Moreira, passava a viver o universo, trocando as águas do "Mare Nostrum", pelas ondas do Atlântico e do Pacífico. Portugueses, espanhóis e italianos enfrentaram o desconhecido, zombando das lendas amedrontadoras e firmando-se na fé dos portulanos e na esperança da conquista de novos reinos para Cristo. Tasso fala-nos da reconquista de Jerusalém terrena, prelibando os encantos do futuro; Ercilla nos mostra a vida dos conquistadores do Chile, na faixa de terra dos seus primitivos habitantes; Camões fazendo a grande síntese celebra o Homem Universal, apoderando-se de toda a vastidão do orbe. Epopéias heróicas, narrativas em verso de fatos históricos e de trechos da mitologia. A arte é esta invenção humana, misto de realidade e de sonho, que se transforma no vigor da criação do poeta. Na inspiração do artista tudo se relaciona para tomar forma e beleza, deliciar o senso estético e comunicar a mensagem profunda de compreensão e de amor. Lendas antigas e medievais; histórias da Índia e da Arábia relatos dos povos das estepes ou dos desertos incandescentes, sempre é a mesma alma humana à procura de comunicação, à cata da expressão capaz de atizar a centelha de vida e do gênio: A arte a serviço da população palaciana, as canções espontâneas da alma popular; arte em demanda da pureza ideal, sonhada pelo poeta a serviço da forma e da beleza; arte compromissada com a Religião, com a Moral, com a Política, com os governos, com as ideologias — sempre arte.

Ao término dessas reflexões trazemos o pensamento de Adolfo Casais Monteiro: "Toda a grande arte, tem de fato, mais que dentro de si, na sua própria essência; podemos mesmo perguntar-nos se não é essa raiz que a define anteriormente a quaisquer outros atributos. É fácil falar em beleza, e reconhecê-la; mas por que a reconhecemos? Não será por a própria beleza ser a perfeição de alguma coisa? Assim com efeito nos aparecem as grandes obras de arte: como a decantação das mais altas idéias, das mais altas formas de sentir, das mais profundas expressões do homem em cada época. A arte não brota do nada, também tem a sua terra-mãe, como a flor que parece nascida da rocha estreme. Como esta flor ilude, e parece não ter nascido... senão de si própria. Isto bastaria para lhe sermos sensíveis; não basta porém, para compreendermos e explicarmos a sua existência" (Romance e os Seus Problemas, Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, 1950, pg. 36).

O século XVI, ao lado das epopéias produzia as novelas pastoris. O Pastoralismo foi uma espécie de compensação, de fuga aos ideais épicos e novelescos da cavalaria. Ao lado do fastígio das conquistas e amores dos cavaleiros deveria existir um oásis onde a alma pudesse sonhar com a natureza, com o ambiente bucólico. Rafael Ferreres escreve: "Todas las novelas pastoriles, lo mismo las españolas que las extranjeras, adolecen generalmente de los mismos defectos. Ya en Teócrito y en Virgilio los pastores eran literatos y filósofos en vez de personajes rústicos, hasta el punto que, en ocasiones, el poeta se cobija en la personalidad del pastor para contarnos su biografía espiritual. La única ocupación que tienen es hablar sin interrupción de amores, la mayor parte de las veces no correspondidos. Aman la tristeza y el dolor y sienten nostalgia del pasado. La excesiva idealización de los pastores, la falta de los mayores matices psicológicos — ya que los cambios psíquicos están resueltos siempre por medio de magia y de filtros, la artificiosa representación de la naturaleza, aunque por excepción se encuentran trozos de sentimiento directo del paisaje, era debido a que no describían la vida que ante sus ojos se desarrollaba sino que se valían de frases, de conceptos, de la visión literaria que los poetas clásicos habían dejado. Ponían un especial cuidado en ser fieles a la herencia clásica, pues en ellos, como dice Menéndez Pelayo, había "intención artística y deliberada de reproducir un cierto tipo de belleza antigua vista y admirada en los poetas bucólicos como continuadores de Teócrito y Virgilio es como encontramos sentido pleno a sus libros". (Historia General de las Literaturas Hispánicas, II — Rafael Ferreres, pg. 787/88/ Editorial Barna, S/A. Barcelona 1951).

O pastorilismo inicia seu caminho na Itália com a Ninfale d'Ameto de Boccaccio, seguido pela Arcadia de Giovanni Sanazzaro (1502-1504) e daí o movimento vai à Península Ibérica onde encontra os grandes cultivadores. Bernardim Ribeiro com a "Menina e Moça", em versos, não foge da estrutura novelesca pastoril. Com a novela de "Diana" (1559), do português Jorge de Montemor o pastorilismo che-

ga ao auge na Ibérica “Em lingua portugueza o primeiro livro de novelas pastoris, que se aproxima no seu conjunto, da Arcádia é a Lusitânia transformada de Fernão Álvares do Oriente (1540-1595). A parte versificada é imitação mediocre de Camões. No dizer de Antônio Saraiva e Oscar Lopes, “a obra no ponto de vista da correção sintática e da limpidez de expressão, assinala um nítido progresso do idioma”.

Na Espanha houve verdadeiro ciclo de Dianias, tôdas tiveram abundantes edições, apesar de não alcançarem perfeição literária de renome. As novelas tinham uma filosofia de vida depreendida do *Cortegiano* de Baldasar Castiglione, que nem sempre estava de acôrdo com as normas da moral cristã. As conseqüências morais que se depreendiam dessas obras foram consideradas perniciosas por López de Úbeda e por Pedro Malón de Chaide em sua “conversión de la Magdalena”. Para evitar o pecaminoso e não privar da leitura dèsses livros tão procurados, verteram-nas ao divino Sebastián de Córdoba, em 1575, com a obra de Garcilaso; Bartolomeu Ponce com a de Montemor em sua *Clara Diana a lo divino* e ainda Lope de Vega em los *Pastores de Belén*. Parece que o argumento de Diana, de Montemor foi um amor do poeta. Reproduzo o resumo seguinte: “Nos campos da principal e antiga cidade de León, às margens do rio Esa, existiu uma pastora chamada Diana, cuja formosura foi extraordinária sôbre tôdas de seu tempo. Esta quis e foi querida muitissimo por um pastor chamado Sireno, cujos amôres tiveram tôda a limpidez e honestidade possível. Ao mesmo tempo a quis mais que a si mesmo outro pastor chamado Silvano, que foi tão aborrecido pela pastôra, que não havia coisa na vida a que pior quisesse. Sucedeu, pois, como Sireno fôsse obrigado a viajar fora do Reino, a pastôra ficou muito triste com esta ausência, os tempos e o coração mudaram, e ela se casou com outro pastor chamado Delio, pondo no olvido aquêle a quem tanto amara. Ano mais tarde, volta Sireno com o desejo de ver a sua pastôra. Antes de chegar soube do que sucedera. Aqui começa o primeiro livro, nos outros encontram-se histórias de coisas que verdadeiramente sucederam, que entretanto, vão disfarçadas sob o estilo pastoril” (*História General de las Literaturas Hispánicas*, págs. 789/90).

O êxito da novela de Montemor foi grande, foi traduzido para o francês, sendo imitada por Honorato d'Urfé no romance *Astrea*. Foi também traduzida para o alemão, o italiano, o inglês, que teria sugerido a Shakespeare com a história de Félix e Felismena, o argumento dos *Dois Fidalgos de Verona*. Na Espanha teve uma grande divulgação, muitos elogios, apesar de ter merecido algumas observações e advertências de defeitos por parte de escritores como Lope de Vega e Cervantes.

O ciclo das Dianias em Espanha continua com Gaspar Gil Polo, Alonso Pérez e outros. Dessa forma o pastoralismo penetra na literatura barroca tão de gôsto dessas eras. Em Portugal forma-se uma

série onde se entrosam as influências da novela bucólica e da redondilha camonianas: *Primavera* (1601), *Pastor e Peregrino* (1608) e *Desengano* (1614) de Rodrigues Lobo.

Em Cervantes encontramos o pastoralismo, embora zombe das novelas pastoris no *Quixote* e no *Colóquio de los Perros*, embora fale da *Diana* de Montemor, sômente em tons de benevolência, enquanto qualifica de “joya preciosa” *El Pastor de Filida*, de Gálvez de Montalvo, a verdade é que em *Galatea* mostrou inequívoco carinho pelo gênero e que sempre teve muito presente a novela do autor lusitano, de quem dizia ter “a honra de ser o primeiro em semelhantes livros”. Em Cervantes está presente a *Arcádia* de Sannazaro, segue-lhe mais o tecido da trama que a imitação dos fatos fundamentais. (*História General de las Literaturas Hispánicas*, pág. 809 — Narciso Alonso Coés).

Em França, Dona Margarida de Navarra deseja compor um *Decamerone* francês. A obra de Boccaccio provocara em 1462 a redação das *Cem Novelas*. A pedido de Margarida, um dos seus secretários, Antonio Le Maçon, realizou em 1545, uma tradução do *Decamerone*. Pensou a rainha criar uma coletânea de novelas originais. Não pôde concluir o seu trabalho, ao falecer, o livro tinha ao todo 76 contos, dos cem projetados. A sua primeira edição apareceu em 1558. Parece mesmo que Margarida de Angoulême não tenha imitado os *novellieri* italianos e que ela tenha fornecido elementos a Bandello. Continua, no século XVI, na França, o ciclo romanesco dos *Amadis*. Surge a figura inconfundível de François Rabelais que enriquece a literatura com a série de narrativas sôbre Gargantua e Pantagruel, que aparecem de 1532 a 1546, em cinco livros. São aventuras fantásticas narradas com raro espírito e fino sabor artístico, como verdadeiro pintor do seu tempo.

Na Itália surge Matteo Bandello que em 1554 publica, em Luca, o *Novelliere*, em quatro partes, a última foi editada póstumamente em 1573. Nesses escritos o frade dominicano publica as novelas-noticias novas — casos agradáveis, de fundo histórico, em que se retrata o cotidiano, com finura e com arte. É fiel, tanto quanto possível, à verdade dos fatos. O grande tema do *Novelliere* é o amor, a grande paixão dos romances de todos os tempos. Francesco Flora escreve: “Certamente a influência de Bandello foi decisiva — sôbre as suas obras surgiu o maior trágico da era cristã — Shakespeare; e com intensidade mais sábia, um vento criador de dramas — Lope de Vega; êste não só buscava em Bandello algumas de suas tramas, mas exaltava as novelas italianas sôbre as novelas espanholas do divino Cervantes” (*Storia della Letteratura Italiana II*, pág. 424).

A novela de cunho trágico, amorosa havia surgido alguns anos antes com Luigi da Porto, nascido em Vicenza em 1485 e falecido em 1529, com a sua narrativa que atravessa os séculos, repleta de ternura — *Giulietta e Romeo*. Tôdas as literaturas receberam o drama

e a tragédia de amor das famílias Capuleti e Montelchi, eternizadas, na poesia, no romance, na tragédia, e nas óperas e hoje no cinema.

Além das novelas de cavalaria, das novelas pastoris, das eróticas das sentimentais, representando a vida das cidades e das côrtes de 1500 e 1600, apareceu na Espanha a novela mourisca. Característica do século XV ainda marcado em certas áreas da Península pela meia-lua muçulmana. A novela mais importante é, sem dúvida, a *História del Abencerraje Abindarráez y de la Hermosa Jarifa*. Desconhecemos o nome do autor desta deliciosa e bela narrativa. Aparece no Inventário de Antonio de Villegas, impresso em 1565, deveria ter sido escrita antes, pois a autorização de sua publicação estava concedida desde 1551. A história foi intercalada, com estilo mais retórico, com maior extensão e com uns desastrosos versos, na edição póstuma da *Diana de Montemor* (Valladolid 1561). O fato narrado parece real e nada deixa suspeitar que seja invenção. Os personagens principais são conhecidos. Um gentil mouro em seu cavalo ruano, era prisioneiro de don Rodrigo de Narváez. O mouro se dirigia a Coín para desposar a bela Jarifa. Don Rodrigo ao ver tamanha tristeza, tem compaixão e deixa o mouro partir. Após os dias marcados volta o prisioneiro acompanhado pela Jarifa, que jurou fazer-se prisioneira com o espôso. O chefe cristão admirando tanta beleza de alma e tanta formosura de corpo deixa a liberdade aos dois amouros.

O grande Lope de Vega imitou sem superar esta pequena obra em seu drama *El Remedio en la Desdicha*.

O século XVI aparece em nosso rápido e perfuntório balanço com os tradicionais romances de cavalaria, adaptados à vida do homem que descortina o Atlântico e possui a riqueza dos continentes; as éclogas pastoris tomam forma novelesca e dentro da roupagem da prosa aperfeiçoada e artística traduzem tôda uma fuga do fragor das armas e da algazarra dos palácios; os contos eróticos da vida cotidiana, continuam na trilha de Boccaccio; as histórias de amor vão tomando outras formas como a novela de Romeu e Julieta. Tudo isto constitui o manancial novelesco do século que vai lançar-se para dentro do barquismo.

Ao lado da literatura de ficção o quinhentismo tem as obras políticas de Maquiavel e Thomas Morus; as obras filosóficas de Leonardo da Vinci, de Montaigne e Rabelais; as obras ascéticas e religiosas de Heitor Pinto, de Amador de Arrais, de Santa Teresa de Jesus e de São João da Cruz; as obras históricas, a literatura de viagens. O século XVI é esta caudal imensa que vai-se alargando até lançar-se no seiscentismo para engrossar ainda mais. A riqueza cultural da humanidade não pertence a alguns indivíduos ou a povos privilegiados, pertence a todos e a cada pessoa em particular.

Cervantes, cujos 350 anos da morte estamos comemorando, com o ciclo de conferências que esta palestra pretende encerrar, dedicou tôda uma vida à arte de escrever para o bem de seus semelhantes,

contemporâneos e de todos os tempos. Don Quixote é a sua obra que mais somou as correntes de idéias, costumes, tendências artísticas do século anterior. É uma crítica à sociedade e à cavalaria? É profunda compreensão dos homens do seu século? É a mensagem que so-nham em todos os séculos e em todos os países? É o idealismo na sua luta contra o cotidiano assentado e acomodaticio? É a angústia de viver em um mundo de hipocrisia e de mentira, que procura nos encantar com símbolos e nos iludir com palavra? Don Quijote e Sancho estão aí na Plaza de Espanha, como estão em qualquer lugar do mundo, como estão dentro de cada pessoa que tem a sua razão de viver, seus anseios de perfeição e de amor.